

# História da Medicina

## BREVE HISTÓRIA DA PSICOSSOMÁTICA: DA PRÉ-HISTÓRIA À ERA ROMÂNTICA

PSYCHOSOMATIC BRIEF HISTORY: FROM PREHISTORIC TO ROMANTIC ERA

JOSÉ LORENZATO DE MENDONÇA\*

### RESUMO

O artigo descreve passagens históricas da construção do conhecimento biológico e psicológico em busca da compreensão das inter-relações entre mente, corpo e ambiente, na saúde e na doença. Sugere que esse processo vem descrevendo um movimento oscilatório do idealismo ao materialismo, que se anula e renasce no materialismo da história, construindo os conceitos da psicossomática contemporânea.

**Palavras-chave:** Medicina Psicossomática/história; História da Medicina

### INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a humanidade vem acumulando evidências de que a saúde é decorrente das boas condições do corpo, da alma e do ambiente. Inicialmente partindo de crenças mágico-religiosas, exímios e corajosos estudiosos foram lentamente observando e conquistando conhecimentos sobre a natureza das enfermidades. Alguns estudaram com profundidade um ou outro de seus aspectos, isoladamente, enquanto outros tentavam compreender a inter-relação dos fatores desencadeantes de forma integrada (não-dissociada). Os conhecimentos obtidos pela ciência

ao longo dos séculos foram construindo três disciplinas fundamentais no estudo da natureza das doenças: a biologia, a psicologia e a sociologia. Apesar da crença na existência de inter-relações entre a mente e o corpo ser tão antiga quanto a história da humanidade, a palavra *psicossomática* (em grego, psique=mente e somático=corpo) só foi surgir em 1818<sup>1,2</sup>. No século XX, embora prescindida da referência social, o termo passou a ser utilizado para designar uma assistência biológica, psicológica e social da saúde e da doença, uma área de estudo trans-disciplinar (intersticial), em que a expressão “sociopsicossomática” teria sido mais adequada.

Veremos uma sinopse histórica do esforço humano para compreender as inter-relações entre a *mente* e o

\* Professor Assistente do Departamento de Saúde Mental Faculdade de Medicina Universidade Federal de Minas Gerais

Endereço para correspondência:  
Faculdade de Medicina / Departamento de Saúde Mental  
Av. Alfredo Balena, 190 sala 4.050  
telefone: 3248-9785  
30.130-100 Belo Horizonte  
Minas Gerais  
e-mail: lorenzato@medicina.br

Data de Submissão:  
17/03/04  
Data de Aprovação:  
08/03/05

*corpo* na saúde e na doença – a *psicossomática*. Portanto, não será abordada a dimensão *social*, embora sejam feitas alusões ao tema. Assim, para o estudo dos determinantes sociais das enfermidades, das condições materiais de sobrevivência e bem-estar, sugerimos ao leitor buscar os textos de sociologia ou economia que tratam da produção, controle e distribuição do *dinheiro* no planeta, o terceiro co-determinante essencial da saúde e da doença. Infelizmente, cumpre registrar aqui nossa dificuldade em encontrar estudos sobre o *dinheiro* na literatura científica de sociologia médica (medicina social).

## PRÉ-HISTÓRIA

Há cerca de 10 milhões de anos, parece ter existido na terra um ancestral comum dos chimpanzés, gorilas e seres humanos, devido às grandes semelhanças anatômicas, básicas e genéticas que apresentam. Entre cinco e oito milhões de anos, possivelmente premidos na luta pela sobrevivência e sujeitos às mudanças ambientais e genéticas, desse tronco comum surgiram ramos evolutivos distintos, que deram origem aos humanos e aos grandes símios. Estudos com chimpanzés sugerem que eles seriam capazes de criar conhecimento e tecnologia, faculdade que se acreditava exclusiva do ser humano, ilustrando a complexidade de se precisar a origem dos mecanismos que possibilitaram o surgimento da alma (mente) humana no planeta. Embora existam muitas incertezas sobre a origem do homem, estima-se que, há quatro milhões de anos, ele é capaz de andar ereto e que os primeiros humanos surgiram, provavelmente, há 2,5 milhões de anos. Eles não tinham condições de articular palavras como nós, falavam de uma maneira vagarosa e enrolada, provavelmente, uma linguagem de gestos e sons muito pouco articulados. Alguns autores chamam a atenção para três características básicas do homem que parecem relacionadas: a capacidade de falar, a divisão do cérebro em duas metades e o uso preferencial de uma das mãos, esta última presente nos diversos primatas. Entretanto, se o *Homo heidelbergensis* dominou o fogo, o *Homo sapiens sapiens* dominou a palavra; o desenvolvimento pleno da linguagem oral e, com ela, a invenção da escrita possibilitaram o surgimento das primeiras civilizações no planeta. Se o surgimento do pensamento humano foi uma das formas de sobrevivência encontrada por essa espécie animal, a doença sempre foi uma das maiores ameaças à sua existência e a insanidade, uma de suas faces.

O crescente processamento de informações no cérebro destes primatas foi permitindo-lhes, gradualmente, identificar e evitar os perigos (como a fome, o raio, a sede, a inundação, outros animais etc.) como também buscar, com mais eficiência, a satisfação de suas necessidades. Embora o pensamento pareça ter surgido na seleção natural das espécies como mais uma forma de sobrevivência, trouxe também consigo uma nova fonte de

sofrimento – cada humano foi-se tornando, para si mesmo e para o outro, um animal muito especial, pois sua proximidade freqüentemente trazia prazer ou morte. Construíam e eram construídos pelo surgimento da linguagem e do pensamento, intercambiavam representações mentais e bens materiais. Entre os povos primitivos, essas trocas de bens materiais se davam na forma de *escambo* (troca de um produto por outro, sem utilização de moeda), que funcionava bem enquanto não se necessitava de ampla variedade de produtos. Mas, como o pensamento ampliava cada vez mais o horizonte dos desejos, aos poucos as pessoas começaram a aceitar certos objetos em troca de determinado produto, a simbolizar, a convencionar a respeito de objetos valorizados pelas tribos, surgindo a primeira forma de *dinheiro* (peles, gado, peixe, cereais, sal, anzóis, enxadas, panelas, anéis).

## ANTIGÜIDADE

Na *História da Psiquiatria* de Alexander e Selesnick<sup>3</sup>, que utilizaremos como roteiro e fonte histórica principal, observa-se que um dos registros mais antigos do esforço humano para compreender as inter-relações entre o corpo e a mente foi escrito na Mesopotâmia, região entre os rios Tigre e Eufrates (hoje corresponde ao Iraque). Ali viveu Hamurabi, entre 1850 e 1750 a.C., um dos maiores reis da Babilônia, que organizou o Código de Hamurabi, uma das primeiras coleções de leis da história da humanidade. O princípio geral do código era “o forte não prejudicará o fraco” e a causa da doença mental era atribuída aos demônios, propondo o tratamento mágico-religioso para se obter a cura das doenças. Nos Papiros de Ebers e Smith (1550 a.C.), o tratamento mágico-religioso dos egípcios incorporou a indicação de passeios, concertos, danças, pintura e recreações para os doentes. Para os hebreus, a causa da loucura era demoníaca e o tratamento deveria ser religioso; no Talmude (1000 a.C.), encontram-se frases curiosas: os homens bons têm sonhos maus... o paciente deve falar de suas preocupações... a loucura é punição pelos pecados.

No livro sagrado dos persas (*Zendavesta*, 1000 a.C.), também a causa da insanidade era demoníaca e o tratamento religioso; encontra-se nesse livro uma sugestão singular: quando os doutores da faca, das ervas e da palavra competem, busque o da palavra. Os Vedas (1000 a.C.) partilhavam da crença na causa demoníaca e no tratamento religioso: a bondade está no cérebro, a paixão no peito, a ignorância no abdômen. Cerca de 500 a.C., na região do Nepal, surgiu Buda, um príncipe hindu que desenvolveu uma técnica “psicológica” de meditação para alcançar o nirvana (estado tranqüilo, sem esforço ou paixão), uma forma de meditação em quatro estágios (*jhanas*): desprezo pelo mundo, amor a si próprio, apatia, completo vazio livre de emoção.

## ERA CLÁSSICA

Nos grandes filósofos da Grécia antiga podem ser identificadas as raízes da psicologia, pois eles formulavam perguntas fundamentais sobre a vida mental: o que é a consciência? O que é o sonho? Existe o livre arbítrio? As capacidades humanas são inatas ou adquiridas? A concepção *nativista* afirmava que os seres humanos vêm ao mundo com um suprimento inato de conhecimento e entendimento da realidade, enquanto a *empirista* argumentava que o conhecimento é adquirido pelas experiências e interações com o mundo.

Homero (1000 a.C.) reconheceu a insanidade como um castigo dos deuses e menciona Asclépio (Esculápio, para os romanos), que mais tarde se tornou o deus da medicina, como mortal. Os seguidores de Asclépio usavam o *sono* do templo para curar e a *serpente* como símbolo do poder (um fenômeno e um símbolo que se tornarão objetos de investigações futuras). Para Pitágoras (500 a.C.), o cérebro era o órgão do intelecto e a sede da doença mental; para Sócrates (470 a.C.), o conhecimento viria da indagação.

Hipócrates (460 a.C.) é considerado o pai da Medicina por ter encarado as doenças em suas bases naturais, afirmando que a epilepsia não era sagrada, mas uma doença. Em *Corpus Hippocraticum*, reuniu suas observações como o poder curativo da natureza (*medicatrix naturae*), os conceitos de homeostase e de síndrome, a importância de os médicos publicarem seus insucessos e o princípio geral de nunca agravar o estado de saúde do paciente (*primum non nocere*). Elaborou a primeira classificação das doenças mentais: epilepsia, mania, melancolia e paranoia; dividiu as personalidades em coléricas, fleumáticas, sangüíneas e melancólicas. Além de verificar as condições materiais de sobrevivência do enfermo, buscava uma história detalhada da vida dos pacientes e estudava a relação entre o médico e o paciente (tema central da psicologia médica contemporânea).

Para o filósofo Platão (427 a.C.), as idéias eram absolutas, imutáveis e perfeitas, enquanto o mundo é mutável e imperfeito, introduzindo assim a realidade psicológica – a existência dentro de todos nós de uma alma racional e uma alma irracional em luta. Em sua *República*, antecipou-se à teoria do sonho de Freud. Já o famoso filósofo Aristóteles (384 a.C.), um dos primeiros cientistas da natureza, fundou várias ciências e descreveu a consciência, a percepção, os estados afetivos e a memória; considerava o pensamento um esforço para eliminação da dor e obtenção do prazer. Cícero (106-43 a.C.), embora fosse senador e filósofo, dizia não entender por que existia a arte médica para o tratamento do corpo e não existia uma arte para o tratamento da alma. Apesar de não ser médico, declarou que as doenças corporais podiam ser resultado também de fatores *emocionais*; por esse motivo, segundo Alexander e Selesnick<sup>3</sup>, talvez Cícero mereça o título de primeiro “psicossomata” da história.

## IDADE MÉDIA E RENASCENÇA

Santo Agostinho (354-430) foi um dos precursores da fenomenologia, do existencialismo e da psicanálise – acreditava que a fonte do genuíno conhecimento psicológico era a *introspecção*. Com intransigente veracidade consigo mesmo, desnudou sua alma quase sem reservas; não acreditou na inocência angelical das crianças, chamando de hipocrisia a negação de nossas motivações inconfessáveis. Rhazes (865-925) chegou a combinar métodos psicológicos e fisiológicos, usou o termo *psicoterapia*, criticou as explicações demonológicas, tendo sido condenado a ser golpeado com seu livro na cabeça até a cegueira. Parecia suspeitar de alguma relação entre as doenças físicas e as emoções. Nessa época, muitas mulheres foram culpadas da licenciosidade dos religiosos, sendo consideradas, portanto, transmissoras do demônio: caça às feiticeiras! Os alemães Kraemer e Sprenger publicaram, em 1484, o *Manual da Inquisição*, com apoio do Papa Inocêncio VIII, do rei de Roma e da Universidade de Colônia. Em 1487, organizaram a caçada com o livro *Malleus Maleficarum*, onde propuseram a destruição sumária dos dissidentes, cismáticos e doentes mentais.

Ao período medieval seguiu-se o renascimento do respeito aos escritos originais dos romanos e gregos, o desprezo pelo escolasticismo medieval, mas sob o princípio de que a ciência não podia depender de autoridade como fonte de conhecimento. Enquanto os professores de medicina preferiam assistir de cátedra as dissecações feitas pelos funcionários, Andréas Vesalius (1514-1564), que violava túmulos para estudar anatomia nos cadáveres, demonstrou os erros de anatomia cometidos por Galeno (200), que se baseava na dissecação de animais, uma vez que era proibida a dissecação de corpos humanos no Império Romano.

A observação começava a substituir a teoria. O humanismo floresceu buscando ajudar o homem a encontrar um melhor modo de vida – todos os homens têm dignidade e valor. Mirandola (1463-1494) afirmou que todo homem é livre para determinar seu destino, que deve ser atingido através da educação; educação era sinônimo de psicologia aplicada. Para Luís Vives (1492-1540), é a experiência emocional e não a razão abstrata que desempenha papel primordial nos processos mentais, antecipando-se à psicanálise. Niccolo Maquiavel (1469-1527), primeiro psicólogo social, tentou descrever os seres humanos sem julgamento moral. Nessa época, dois médicos se notabilizaram na luta contra os caçadores de feiticeiras: Paracelso (1493-1541) e Weyer (1515-1588). Para eles, muitas “feiticeiras” eram doentes mentais e, portanto, deveriam ser confiadas aos médicos e não aos religiosos para serem conduzidas ao castigo ou à morte. Weyer descreveu várias doenças mentais, publicou *A Ilusão do Demônio*, lutou para provar que as doenças mentais não eram sobrenaturais ou sagradas, tendo sido chamado de louco.

## ERA DA RAZÃO

A antiga celeuma entre *nativismo* e *empirismo* (atualmente, natureza e experiência) foi protagonizada pelo racionalista radical René Descartes (1596-1650), um nativista que acreditava ser o homem composto de uma substância pensante (alma) e uma substância extensa (matéria), que se conjugavam na glândula pineal. Estabeleceu uma dicotomia entre o corpo e a alma, considerando a consciência o maior atributo do homem e afirmando que a alma não deixaria de ser o que é, ainda que não houvesse corpo: “penso, logo existo” (*cogito ergo sum*). Este é um dos temas centrais da psicossomática, tendo molestado uma série de autores ao longo da história, como a Damásio<sup>4</sup>, recentemente, para quem o ponto de partida da ciência e da filosofia deveria ser anticartesiano: existo (e sinto), logo penso.

A concepção empirista teve em John Locke (1632-1704) seu defensor, segundo o qual a mente humana é um papel em branco (*tabula rasa*) onde a experiência “escreve” o conhecimento à medida que o indivíduo amadurece. Esta perspectiva deu origem à *psicologia associacionista* – a mente era repleta de idéias que chegavam pelos sentidos e depois se associavam umas às outras por similaridade e contraste<sup>5</sup>.

Thomas Sydenham (1624-1689), médico inglês, intrigado com o papel da mente na produção das doenças, foi um exemplo de intransigência empírica, combinada com observação clínica afinada. Notou a importância de se obter a história de cada doença, destituída de qualquer intromissão filosófica, moral ou religiosa do médico; acreditava apenas no que podia ver à beira da cama dos pacientes e sempre desconfiou dos livros. Embora soubesse que a palavra *histeria* em grego significasse útero, observou que indivíduos do sexo masculino também sofriam dessa doença e que fatores psicológicos participavam da origem e evolução das doenças.

Baruch Spinoza (1632-1677), talvez o mais famoso pré-freudiano, veio trazer rudimentos epistemológicos para a psicossomática contemporânea – substituiu o dualismo cartesiano e o empirismo lockiano pelo paralelismo psicofisiológico<sup>3</sup>. Afirmava que a mente e o corpo são inseparáveis porque são idênticos, que a psicologia e a fisiologia são dois aspectos da mesma coisa (*ordo rerum et idearum idem est*). Para Spinoza, Deus é natureza, é o próprio universo, é extenso e corporal. Os acontecimentos psicológicos são determinados da mesma forma que os acontecimentos físicos, cujo princípio fundamental é a perpetuação do ser – comparável ao princípio da estabilidade (homeostase) de Fechner, Freud, Claude Bernard e Cãnon. Aproximou-se do conceito de inconsciente que surgiria com Freud – a psicanálise estava prestes a brotar.

Na literatura, Miguel Cervantes (1547-1616) e William Shakespeare (1564-1616) demonstraram, pela

primeira vez na história, incrível *insight* das profundezas inconscientes da mente humana.

Cullen (1712-1790) foi o primeiro autor a empregar o termo *neurose* para doenças sem febre ou afecção localizada. Na época, o tratamento era dieta, sangria, vomitório, choques, coação, ameaças e camisa de força. Para Rousseau (1712), o homem nasce livre, mas em toda parte os homens estão acorrentados, a sociedade os corrompe.

Os povos antigos já praticavam alguma forma de hipnose em seus rituais religiosos e as pessoas em transe hipnótico eram tidas como portadoras de poderes extraordinários, emanados dos deuses. Documentos históricos mostram sacerdotes do antigo Egito induzindo um estado semelhante ao da hipnose numa cerimônia religiosa denominada *sono do templo*. Eles faziam sugestões curativas às pessoas doentes em nome de seus deuses, possivelmente durante estados simultâneos de auto-hipnose. O poder aparente de uma pessoa sobre a outra durante a hipnose foi condenado pelo cristianismo como atividade demoníaca e associado a bruxaria e magia negra até o século XIX.

O médico austríaco Franz Mesmer (1734-1815) acreditou que os corpos celestes e os corpos animados se achavam impregnados de um fluido universal e contínuo, capaz de transmitir influências mútuas. Desenvolveu sua teoria do “magnetismo animal” (mesmerismo), segundo a qual esse fluido permitiria a uma pessoa exercer sobre a outra uma poderosa influência “magnética”, inclusive curar distúrbios nervosos. No início, usava imãs nos tratamentos, convencido de que eles concentravam o fluido mágico; depois passou a usar qualquer objeto que entrava em contato com sua pessoa, afirmando, mais tarde, que um gesto de suas mãos era suficiente para fazer os pacientes receberem sua força magnética. Admirado por seus pacientes, mas considerado charlatão pela comissão de inquérito composta pelo cientista Franklin, o astrônomo Bailly, o botânico Jussieu, o químico Lavoisier e o médico Guillotin, foi obrigado a deixar Viena, em 1778<sup>3</sup>. Sobre a teoria de Franz Mesmer, escreveu Jussieu: *sua teoria é inexata, mas às vezes parece que cura*. Logo começaram a surgir suspeitas de que o magnetismo animal e os fluidos invisíveis não existiam, mas que era a fé nos poderes que pareciam produzir resultados (a fé – objeto de estudo da psicologia cognitiva). James Braid (1795-1860), cirurgião escocês, afirmou nada haver de mágico nos estados de transe, que eram causados simplesmente pelo cansaço, depois de prolongado período de concentração. Acreditava que o sujeito encontrava-se em uma espécie de sono (em grego, *hypnos*=sono), criando, em 1840, o termo *hipnose*.

## REAÇÃO ROMÂNTICA

Período da redescoberta da irracionalidade da psique, do reconhecimento do instinto e da paixão – a vida melhor, prometida pelo racionalismo, é ilusória! O homem e seu mundo interior, seus casos de amor, suas amizades e intrigas tornaram-se mais fascinantes – a psi-

que surgia de novo. A *psicoterapia* surge como um novo instrumento capaz de corrigir algumas doenças corporais – os pensamentos e as emoções podem corrigir disfunções no cérebro. O avanço da compreensão psicológica encontra em Moreau de Tours (1804) significativo impulso, com afirmações do tipo: a base do entendimento psicológico é a introspecção, os sonhos são a pista para o conhecimento das perturbações, sonhar é a psicopatologia transitória da pessoa normal.

Em 1803, o médico alemão Johann Christian Reil (1759-1813) publicou o primeiro tratado sistemático de *psicoterapia*, afirmando que a psicologia podia oferecer ao médico um novo recurso terapêutico capaz de influenciar até mesmo a evolução de doenças corporais. Para ele, a doença mental era um fenômeno psicológico, cuja causa exige métodos psicológicos de tratamento. Afirmou que existia uma interação entre os fenômenos psicológicos e fisiológicos no organismo e que era necessário entender a personalidade sadia para que a alma doente pudesse ser compreendida. Chegou a afirmar que a psicologia era tão fundamental à medicina quanto a farmacologia porque o homem só existe numa interação mútua entre acontecimentos psicológicos e fisiológicos. Segundo ele, o médico pode exercer influências psíquicas sobre o paciente, portanto os sentimentos e as idéias (emoção e cognição) podem ser os meios pelos quais algumas perturbações do cérebro podem ser corrigidas. Enfim, apesar de especialista em anatomia cerebral, foi um pioneiro da psiquiatria ao propor a cura de algumas doenças mentais com a intervenção psicológica. Embora filho de ministro religioso, foi um cientista natural que reconheceu o papel da excitação sexual em algumas perturbações mentais e acreditou que seria possível aplicar ao estudo dos fenômenos psíquicos o mesmo método científico dos estudos do cérebro.

Johann Christian Heinroth (1773-1843) foi um médico alemão que se tornou famoso pela compreensão intuitiva do conflito interior. Nascido dentro da tradição luterana, escrevia suas idéias sobre o assunto em linguagem religiosa, considerava a “consciência individual” um novo princípio religioso, um representante interior de Deus. Heinroth considerou os processos psicológicos divididos em três níveis de funcionamento: o mais baixo, das forças instintivas e sentimentos em busca de prazer; o segundo, que chamou de ego, que funciona sob orientação do intelecto; e o mais elevado nível de funcionamento mental, que chamou de consciência (supernós). Segundo ele, o objetivo do ego é a segurança em relação ao mundo exterior e a consciência se desenvolveria por uma diferenciação dentro do ego. Para ele, o corpo e a psique não são senão dois aspectos da mesma coisa, que aparece exteriormente no espaço como corpo e interiormente como psique. Sua tese principal era que esses dois aspectos do eu não seriam divisíveis. Em 1818, o termo **psicossomático** foi usado pela primeira vez na literatura médica por Heinroth, ao

descrever um caso de insônia sem explicação orgânica aparente. Assim, ele exprimiu sua convicção quanto à influência das paixões sexuais também na epilepsia, na tuberculose e no câncer, embora sustentasse que a causa fundamental da perturbação mental era o pecado, para ele equivalente ao egoísmo, tema recentemente abordado por Steinberg<sup>6</sup>. Quiçá fosse mais famoso se não tivesse se expressado numa linguagem religiosa-moralista, visto que um dos conceitos centrais da psicologia moderna estava sendo formulado – o de conflito interior. Talvez, se tivesse empregado a expressão “sentimento de culpa” em lugar de “pecado”, teria sido mais prontamente reconhecido como precursor da psicanálise. Foi um verdadeiro filho da era romântica, acreditava que a individualidade de cada paciente devia ser o guia fundamental na escolha da terapia. Considerava indispensável adequar a atitude do médico com a personalidade singular do paciente, merecendo alguns mais calor e bondade e outros mais firmeza e força, em direção a uma psicoterapia individualizada.

Alexander Haindorf (1782-1862) tentou explicar as origens fisiológicas dos impulsos humanos e suas relações com o raciocínio e as partes do cérebro. Friedrich Gross (1768-1852) tentou combinar conceitos filosóficos com reações fisiológicas e propôs que o homem é influenciado por forças fisiológicas das quais não tem consciência, que determinam também suas reações. Mais tarde, autores modernos iriam afirmar que, se os impulsos instintivos não forem adequadamente satisfeitos ou sublimados, ocorrerá uma neurose ou uma condição psicossomática. Friedrich Beneke (1798-1854) acrescentou que as idéias podiam ser simbolizadas e expressadas em reações fisiológicas, admitindo uma ação do pensamento na produção de doenças físicas. Ernst von Feuchtersleben (1806-1894) criticou o dualismo filosófico que mantinha a dicotomia mente-corpo e que considerava a mente e o corpo como duas realidades de naturezas distintas e interagentes. Afirmava que a doença mental era resultado de perturbação da personalidade, que o corpo e a mente eram um único fenômeno. Defendeu a importância do tratamento psicoterápico para essas enfermidades – a psicoterapia como uma forma de segunda educação. A hipótese de que o pensamento e as emoções exercem funções importantes no funcionamento e equilíbrio da mente e do corpo aos poucos vai tomando forma.

Embora tenham trazido mais abrangência para o conhecimento humano, os românticos renasceram o vitalismo dos antigos, com a tentativa de reintroduzir na ciência conceitos animistas da existência de uma “energia vital”, independente das leis naturais da química e da física. Um exemplo dessa deficiência nota-se em Karl Carus (1789-1869), um obstetra que toma o conceito de “inconsciente” como eixo central de sua filosofia, antecedendo Sigmund Freud – “a chave para a compreensão da essência dos processos mentais conscientes reside na região do inconscien-

te”. Mas é um conceito equivalente a uma força vital criadora, destituído de coerência científica: “o inconsciente anima todos os processos fisiológicos; portanto, todas as doenças orgânicas estão enraizadas na mente inconsciente”.

O estilo romântico, que predominou nas artes ocidentais ao longo do séc. XIX, sobrepuja os sentimentos à razão, valorizava a imaginação e a inspiração em vez do pensamento lógico e objetivo. Era uma oposição ao estilo classicista, originário da Grécia antiga, que enfatizava a ordem, o equilíbrio, a simplicidade e a razão. Este confronto, que sempre esteve presente na arte e na ciência, ainda se expressa na evolução dos conceitos e práticas da psicossomática contemporânea, como entre a psicanálise e a psicologia cognitiva.

No Brasil, o romantismo literário favoreceu a consciência da língua “brasileira”. Por exemplo, José de Alencar (1829-1877), criador do romance histórico, tinha a figura do índio como tema freqüente e uma obra voltada para a realidade do país, sua gente e suas coisas, revelando sensibilidade e observação psicológica. O romantismo brasileiro esteve associado à reforma social e econômica, coincidindo com a campanha a favor da abolição da escravatura. Machado de Assis (1839-1908), um dos mais importantes escritores brasileiros, expressou-se em diversos gêneros literários, principalmente nos contos e romances. Nos romances, revelou apurada sensibilidade na descrição dos meandros da alma humana – o realismo psicológico, aliado a um pessimismo e uma crítica sarcástica da condição humana, apresentando as paixões e os costumes de seu tempo. Na fase de maior pessimismo, seus temas preferidos passaram a ser a fragilidade da existência humana, a incerteza, a angústia, a loucura e o tormento sobre a fluidez do tempo e a aproximação da morte<sup>7</sup>.

Como se perfurasse o classicismo e o romantismo, surge o filósofo alemão Georg Friedrich Hegel (1770-1831), autor da frase “o real é racional e o racional real”. Hegel foi considerado um idealista por declarar que a consciência (a razão) forma a base de toda a realidade. Acreditava que as leis do raciocínio (dialética) eram reais e não simples convenções humanas, que a verdade é irremediavelmente subjetiva, pois todo conhecimento é conhecimento humano. Para ele, não se pode separar uma filosofia ou um pensamento de seu contexto histórico; o espírito do mundo (a soma de todas as manifestações humanas) progride rumo a uma consciência cada vez maior de si mesmo. Se os filósofos anteriores buscavam estabelecer critérios eternos para o conhecimento, Hegel achava impossível encontrar tais pressupostos atemporais, posto que é impossível existir um conhecimento desvinculado de um tempo – o único ponto fixo a que a filosofia pode se ater é a própria história. Assim, a história do pensamento (a razão) contém todos os pensamentos formulados pelas gerações anteriores, e todos esses pensamentos determinam nossa maneira de pensar, do mesmo modo como também o fazem as condições de vida do seu

próprio tempo. Pode-se dizer que ele desenvolveu um método para se entender o curso da história. Conforme Hegel, um novo pensamento sempre surge com base nos anteriores. Mas, uma vez formulado um novo pensamento, ele será inevitavelmente contradito por outro, surgindo uma tensão (contradição) entre eles. Essa tensão será quebrada quando um terceiro pensamento for formulado, dentro do qual se acomoda o que há de melhor nos dois pontos de vista precedentes – a evolução da *dialética*<sup>7</sup>.

Na sociologia, surge o importante filósofo e cientista social Karl Marx (1818-1883), influenciado pela filosofia de Hegel e pelas idéias do grupo dos Novos Hegelianos, que aplicavam as idéias de Hegel contra as organizações religiosas e a autocracia prussiana<sup>7</sup>. Em 1841, ano de sua formatura em filosofia, foi publicada pelo filósofo Feuerbach a obra *A essência do cristianismo*, na qual argumentava que Deus tinha sido inventado pelos humanos como uma projeção de seus próprios ideais. E mais, que o homem, criando Deus à sua imagem e semelhança, alienava-se de si mesmo, criando um outro ser em contraste consigo mesmo e reduzindo-se a um mísero pecador original que precisaria tanto das igrejas como dos governos para guiá-lo e controlá-lo. Acreditava que, se as religiões fossem abolidas, a humanidade poderia reverter essa alienação. Marx aplicou essa idéia de alienação à propriedade privada, que levaria o homem a trabalhar só para si mesmo e não para o bem da espécie. Elaborou a idéia de que a alienação tinha uma base econômica, propondo uma sociedade comunista para dominar a desumanização resultante da propriedade privada. Juntamente com seu amigo Friedrich Engels (1820-1895), desenvolveu uma concepção materialista da história, na qual afirma que o pensamento humano é determinado por forças sociais e econômicas, particularmente aquelas relacionadas aos meios de produção. Desenvolveram um método de análise que chamaram de *Materialismo Dialético*, no qual o confronto de forças históricas produz transformações na sociedade. *O Capital* é considerada sua obra principal, onde expõe a visão do sistema da livre-empresa cujo maior defeito seria, segundo ele, a acumulação cada vez maior de riquezas, que resultaria numa simultânea propagação de miséria humana<sup>7</sup>.

Como se pode observar, o Romantismo foi um período em que as pessoas começaram a se preocupar mais com a vida privada; a regra geral era buscar a felicidade na esquina mais próxima, nos pequenos acontecimentos da vida cotidiana. Nessa efervescência dos temas da vida privada, do pequeno burguês em seu pequeno mundo, dos indivíduos em suas aventuras cotidianas, floresceu um interesse renovado pela psicologia e pela história.

### Precursos da Neuropsiquiatria

De certa forma iniciado com Hipócrates e Aristóteles, o conceito biológico da doença encontrou milhares de importantes estudiosos ao longo dos séculos. Para o italiano Giambattista Morgani (1682-1771), o pai da anatomo-

mia patológica, a origem das doenças estava nas perturbações localizadas nos órgãos corporais. Marie François Bichat (1771-1802), um dos fundadores da histologia, após centenas de autópsias realizadas a olho nu, identificou diferenças entre os tecidos do corpo, propondo uma teoria da doença baseada nos tecidos. Johannes Müller (1801-1858) insistia para que os colegas deixassem as bibliotecas e fossem ver os novos microscópios do laboratório, convencido de que um psicólogo sempre devia ser também um biólogo. Mathias Schleiden (1804-1881) e Theodor Schwann (1810-1882) propuseram que a estrutura de toda matéria viva era a célula.

Charles Darwin (1809-1882), naturalista britânico famoso por suas teorias da evolução e da seleção natural, acreditava, como outros cientistas antes dele, que todo tipo de vida na terra evoluiu (desenvolveu gradualmente) em milhões de anos a partir de alguns poucos ancestrais comuns. Rudolf Virchow (1821-1902) demonstrou que células doentes derivavam das células saudáveis de tecido normal; contudo, não aceitou a teoria de Louis Pasteur (1822-1895) de que as doenças seriam provocadas por germes. Virchow observou que as doenças se transmitiam não entre órgãos e tecidos, mas, principalmente, através de suas células individuais, e que todas as células provêm de células (*omnis cellula e cellula*). Camillo Golgi (1843-1926) e Santiago Ramon y Cajal (1852-1934) receberam o Prêmio Nobel em 1906 pelos trabalhos sobre a estrutura do neurônio. Em 1858, Rudolf Virchow publicou *Patologia celular baseada em histologia fisiológica e patológica* e, logo no ano seguinte, Charles Darwin publicou *A origem das espécies por meio da seleção natural* – marcos históricos do início da medicina moderna<sup>3</sup>.

## CONCLUSÕES

Como vimos, o homem sempre suspeitou do poder da mente na produção das doenças, representado nas figuras de deuses e demônios. Mesmo nos períodos de avançado racionalismo e civilização, a humanidade teve dificuldades de considerar a “psique” como matéria de interesse científico. Os avanços em Medicina por vezes não conseguiam passar das hipóteses sobre desequilíbrio dos humores, umidade ou aridez cerebral, falência circulatória ou degeneração nervosa.

Premidos pelas limitações da linguagem biológica, que não se prestava para explicar fenômenos da mente e do comportamento, inúmeros autores se aventuraram a explicar a mente com uma linguagem diferente da utilizada na biologia. Assim, simultaneamente aos progressos das investigações biológicas sobre o cérebro, a “psique”

reaparecia com toda sua estranheza e singularidade, atingindo ápices em Platão (o mundo das idéias), Santo Agostinho (a introspecção dos humanistas), Sydenham (hipótese psicogênica para a histeria), Spinoza (identidade entre corpo e alma) e Pinel (o tratamento moral).

A secular oposição entre idealismo e materialismo (entre alma e corpo), ainda presente nos dias atuais, parece descrever um movimento oscilatório epistemológico. Quando se toma o pensamento como matéria ou a matéria como simples representação na consciência, algo se anula e se refaz (contradição) num movimento dialético, como se o materialismo da história do paciente e do universo fossem correspondentes.

A troca de informações entre biologia, neurobiologia, psicologia cognitiva, psicanálise e sociologia talvez favoreça o surgimento de uma trans-disciplina para a *saúde* – a sociopsicossomática. Esse assunto merecerá futuras publicações.

## ABSTRACT

A survey of the construction of the biological, psychological and sociological knowledge in the search of the relationships between mind, body and environment in health and disease is presented.

**Keywords:** Psychosomatic Medicine; History of Medicine

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Kaplan HI, Sadock BJ. Synopsis of Psychiatry: behavioral sciences: clinical psychiatry. Baltimore: Williams & Wilkins; 1998.
- 2- Haynal A, Pasini W, Archinard M. Medicina psicossomática: abordagens psicossociais. Rio de Janeiro: Editora Médica e Científica; 2001.
- 3- Alexander FG, Selesnick ST. História da psiquiatria. São Paulo: Ibrasa; 1963.
- 4- Damásio AR. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras; 2004.
- 5- Atkinson RL, Atkinson RC, Smith EE, Bem DJ, Nolen-Hoeksema S. Introdução à Psicologia de Hilgard. Porto Alegre: Artes Médicas; 2002.
- 6- Steinberg H. The sin in the aetiological concept of Johann Christian August Heinroth (1773-1843). Hist Psychiatry 2004; 15 (3): 329-44.
- 7- Enciclopédia Delta Universal. Rio de Janeiro: Editora Delta; 1986.